



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Rosa e Momo: o amor e a aproximação entre estrangeiros distantes no tempo

Katty Cristina Lima Sá¹

Coexistir com o outro, aceitá-lo, enxergá-lo como humano e portador dos mesmos sentimentos e emoções são desafios constantes, cuja incapacidade de realizá-los já demonstrou suas consequências mais nefastas na forma massacres e genocídios. Frente a isso perguntamo-nos: quais seriam os sentimentos e experiências capazes de criar laços entre seres humanos aparentemente tão diferentes como uma senhora sobrevivente do Holocausto e um órfão senegalês, residente na Itália, no limiar de sua adolescência? Essa é a questão que norteia a obra cinematográfica “Rosa e Momo” (*La vita divanti a sé*), lançada em 2020 e disponível no catálogo da Netflix. Dirigido por Edoardo Ponti, o filme retrata a relação desenvolvida pela ex-prostituta Rosa, que após sua aposentadoria passou a cuidar dos filhos das antigas colegas de profissão, e de Momo, um garoto imigrante que perdeu a mãe.

A trama é iniciada com o primeiro contato entre os protagonistas durante uma feira na cidade de Bari, localizada no litoral sul da Itália, quando Momo furta castiças pertencentes a Rosa, derrubando-a no chão. Ao saber do delito, Dr. Coen (Renato Carpentieri), tutor de Momo, obriga o garoto a desculpar-se com a senhora, ocasião em que o médico pede a Rosa que ela assuma provisoriamente a guarda do menino, proposta que é aceita com relutância. Tal situação não se tratava da inexistência de afeto de Dr. Coen por Momo, mas da tentativa de oferecer ao tutelado um ambiente em que esse recebesse a atenção e os ensinamentos que o médico se julgava incapaz de ofertar.

Apesar dos cuidados de Dr. Coen e de aceitar a morte da mãe, Momo surge como uma criança que necessita de cuidados e principalmente de amor. Com problemas relacionados ao sono, ele invoca constantemente a figura imaginária de uma leoa, cuja presença o fazia sentir-se amado e protegido. Embora soubesse de sua origem senegalesa e de sua imigração junto à mãe aos três anos de idade, Momo desconhece sua cultura de origem e a religião em que nasceu, de modo que não se reconhece como muçulmano; em verdade, ele rejeita tais características ao afirmar que não se sente confortável com seu nome real, Mohammad, de origem árabe-muçulmana. Esses traços marcariam ainda mais a diferença do garoto frente à sociedade em que ele vivia. Visto pelas pessoas mais próximas como mau ou incorrigível, o Momo inicialmente busca a sobrevivência e o reconhecimento dentro de um grupo de traficantes de drogas, de modo que quanto maior suas vendas mais simpatia seu chefe dizia nutrir por ele.

É durante seu contato com Rosa e com as pessoas ao entorno dela que o menino se abre efetivamente para o amor e permite ser realmente amado. Momo entra em contato com o amor materno, visto que ele tem poucas lembranças da própria mãe, ao ver a prostituta Lola (April Zamora) com seu filho, e percebe que a saudade não é um sentimento só seu, ou ainda uma fraqueza, enquanto o pequeno Iosif (Iosif Diego Parvu) aguarda o retorno da mãe. Outra figura importante no desenvolvimento desse protagonista é o comerciante muçulmano Hamil (Babak Karimi), que coloca Momo como seu ajudante e o ensina acerca da herança islâmica. Cabe ressaltar a visão de Islã apresentada na película, com ênfase para seus aspectos pacíficos e tolerantes, bem como para o respeito islâmico aos conhecimentos seculares, exposto por Hamil através de seu interesse por literatura.

Em específico a relação de Momo e Rosa, percebemos que se inicia com desconfiança e distanciamento. A senhora procura manter sua posição firme e disciplinadora para com o

ROSA E MOMO: O AMOR E A APROXIMAÇÃO ENTRE ESTRANGEIROS DISTANTES NO TEMPO

SÁ K.C.L

menino, que, por vez, não se sente compelido a demonstrar respeito por tal figura feminina. O degelo só acontece quando os protagonistas percebem as vulnerabilidades existentes um no outro e se solidarizam com elas; em ambos os casos temos pessoas marcadas pelo trauma e pela intolerância. Rosa havia sobrevivido aos horrores dos campos de concentração nazista por sua ascendência judaica e, além da numeração tatuada em seu braço, carregava consigo o temor de hospitais, visto por ela como lugares para a tortura e para causar dor em um corpo incapacitado. Momo, por vez, não desconhecia a palavra e o que foi Holocausto, mas partilhava do sentimento de estar só, de ser um indesejável. Se não bastasse a diferença da raça, o ser negro e judeu, as personagens carregavam ainda o peso de estarem ligadas ao crime, de ser prostituta ou assaltante a “aviãozinho” de drogas.

As vulnerabilidades de Rosa e a empatia que isso desperta em Momo são exploradas durante o filme a partir do avanço do mal de Alzheimer sobre a senhora e a decadência que o corpo da mesa passa durante a trama. Rosa representa a geração que testemunhou a ascensão dos fascismos a partir dos anos de 1920 e até que ponto a intolerância pode destruir a humanidade; essa geração está aos poucos se despedindo, mas os males por elas vivenciados persistem vivos e infligem jovens como Momo, que ainda está começando sua jornada. Não é por acaso que os protagonistas sejam representados pela atriz veterana Sofia Loren, que depois de dez anos longe das telas atuou sob a direção de seu próprio filho, e pelo estreante Ibrahima Gueye.

Outras semelhanças entre o enredo e a estruturação de “Rosa e Momo” merecem ser destacadas, pois evidenciam a mensagem do filme. A primeira delas é a abordagem do tema da imigração para Europa, feita de modo sutil e bem incorporado ao contexto dramático. A cidade de Bari é uma porta de entrada para aqueles que procuram por uma vida melhor no Velho Continente e, em sete de março de 1991, foi palco do desembarque de 27 mil albaneses que fugiam da situação de dissolução do regime comunista na Albânia. A resposta do governo italiano ao episódio foi tentar conter o “tsunami humano” com a detenção dos imigrantes em um campo de futebol, local em que permaneceram confinados por semanas. O segundo ponto diz respeito a tolerância e a diversidade dos atores escalados, com a presença do ator persa Babak Karimi e da atriz trans April Zamora.

Assim “Rosa e Momo” não só representa o retorno de Sophia Loren aos cinemas, como também é um retrato sutil e delicado da importância do diálogo, do abrir-se para o outro e compreender suas diferenças. Ao olharmos para o outro como igual, enxergar nele a mesma humanidade que conferimos a nós mesmos, somos capazes de abrimo-nos ao amor e ser amados. Trata-se de uma lição sobre as benesses de desenvolver a tolerância.

Nota

¹ Mestre em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ). Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS). E-mail: katty@getempo.org.

Obra resenhada

ROSA E MOMO. Direção: Edoardo Ponti. Roteiro: Ugo Choti, Edoardo Ponti, Favio Natale. Itália: Netflix, 2020 (134 min). [Disponível em Netflix].